

Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos povos indígenas Arara Karo e Gavião Ikólóéhj em Rondônia

Alessandra Sousa Silva¹, Ariélly Bianca Alves Dos Santos¹, Cristiane Silva dos Santos¹, Emilly Daniely de Oliveira Lourenço¹, Ester Custódio de Assis¹, Higor Oliveira Coelho da Rocha¹, Jefferson de Souza Silva¹, João Pedro Pascolar Lopes Mendonça¹, Larissa Dourado de Figueiredo¹, Marcyelle Carlyne Assis Leal¹, Mikaelly Custódio do Nascimento¹, Pedro Henrique de Lima Recheski¹, Thais Vieira Queiroz¹ e Jerônimo Vieira Dantas Filho¹

¹ Projeto de Extensão I Povos Indígenas, Curso de Direito do Centro Universitário Afya de Ji-Paraná, Ji-Paraná, RO, Brasil

*Autor correspondente: Jerônimo Vieira Dantas Filho, Dr. e Professor do Centro Universitário Afya de Ji-Paraná, Ji-Paraná, RO, Brazil. Av. Eng. Manoel Barata Almeida da Fonseca, 542 - Jardim Aurelio Bernardi, Ji-Paraná - RO, 76907-524. E-mail: jeronimo.filho@saolucasjiparana.edu.br

Editor: Prof. Dr. Francisco Carlos da Silva

Recebido em: 03/05/2025 Aceito em: 19/06/2025 Publicado em: 19/07/2025

Resumo

A Etnobotânica é uma área estratégica que integra saberes tradicionais e científicos no estudo das relações entre humanos e plantas medicinais. Na Amazônia, o conhecimento indígena é um patrimônio imaterial valioso, especialmente no uso terapêutico de espécies vegetais. Este projeto de extensão visa valorizar, resgatar e documentar esses saberes, destacando sua importância para a conservação da biodiversidade, a identidade cultural e práticas sustentáveis em saúde e meio ambiente. O objetivo principal é analisar o papel da Etnobotânica e do saber tradicional na conservação ecológica e no desenvolvimento de terapias naturais. Os objetivos específicos incluem registrar práticas de uso de plantas medicinais, identificar espécies vegetais, compreender métodos de preparo e promover o reconhecimento da contribuição indígena à ciência e sustentabilidade. A metodologia é qualitativa e exploratória, com abordagem etnográfica, desenvolvida na Aldeia Gavião (Rondônia) por meio de rodas de conversa, entrevistas, observação participante e registros fotográficos durante um evento de Etnoturismo. Os dados foram analisados por categorização temática e comparação com a literatura científica. Como resultados, espera-se identificar plantas medicinais, descrever seus usos e significados simbólicos, evidenciando a importância do conhecimento tradicional para saúde e biodiversidade. A devolutiva será feita em formatos acessíveis à comunidade e ao meio acadêmico. Os resultados reforçam o papel da Etnobotânica na valorização da diversidade cultural e biológica, contribuindo para políticas públicas inclusivas. Ao documentar saberes tradicionais, destaca-se a inovação e sustentabilidade dessas práticas, fortalecendo vínculos entre universidade e comunidades indígenas, promovendo educação ambiental e protagonismo indígena.

Palavras-chave: Amazônia; Biodiversidade; Etnobotânica; Plantas medicinais; Povos indígenas.

Ethnobotanical study of medicinal plants used by the Arara Karo and Gavião Ikólóéhj indigenous peoples in Rondônia state

Abstract

Ethnobotany is a strategic field that integrates traditional and scientific knowledge in the study of the relationships between humans and medicinal plants. In the Amazon, Indigenous knowledge represents a valuable intangible heritage, especially regarding the therapeutic use of plant species. This extension project aims to value, recover, and document such knowledge, highlighting its importance for biodiversity conservation, cultural identity, and sustainable practices in health and the environment. The main objective is to analyze the role of ethnobotany and traditional knowledge in ecological conservation and the development of natural therapies. Specific objectives include recording practices related to the use of medicinal plants, identifying plant species, understanding preparation methods, and promoting recognition of Indigenous contributions to science and sustainability. The methodology is qualitative and exploratory, using an ethnographic approach, conducted in the Gavião Village (Rondônia) through conversation circles, interviews, participant observation, and photographic records during an ethnotourism event. Data were analyzed through thematic categorization and comparison with scientific literature. As outcomes, the project expects to identify medicinal plants, describe their uses and symbolic meanings, and demonstrate the importance of traditional knowledge for health and biodiversity. Findings will be returned in formats accessible to both the community and the academic sphere. The results reinforce ethnobotany's role in valuing cultural and biological diversity, contributing to inclusive public policies. By documenting traditional knowledge, this project highlights the innovation and sustainability of such practices, strengthening ties between the university and Indigenous communities while promoting environmental education and Indigenous protagonism.

Keywords: Amazon; Biodiversity Ethnobotany; Indigenous peoples; Medicinal plants.

1. Introdução

A Etnobotânica configura-se como uma disciplina interdisciplinar que estuda as interações entre seres humanos e plantas, articulando saberes tradicionais e científicos no entendimento das práticas culturais relacionadas ao uso dos recursos vegetais. Na região amazônica, essa abordagem assume especial relevância em virtude da imensa biodiversidade local e do amplo repertório de conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, especialmente entre povos indígenas. Esses saberes, acumulados e transmitidos oralmente ao longo de gerações, desempenham papel central na manutenção da saúde comunitária, na preservação da identidade cultural e na conservação ambiental (Albuquerque & Hanazaki, 2006).

Entre os povos indígenas que habitam o estado de Rondônia, destacam-se os Arara Karo e os Gavião Ikólóéhj, detentores de um vasto

conhecimento sobre espécies vegetais com propriedades terapêuticas. Tais práticas, enraizadas em uma cosmovisão própria, envolvem não apenas o uso prático das plantas, mas também um conjunto de significados simbólicos e espirituais que orientam o modo de vida e a relação com a natureza. Contudo, esse patrimônio imaterial encontra-se ameaçado por fatores como o avanço do desmatamento, a expansão da fronteira agropecuária e a biopirataria, os quais comprometem a biodiversidade e colocam em risco a continuidade desses saberes (Shanley & Luz, 2003).

Além dessas ameaças, observa-se uma escassez de registros sistematizados que documentem as práticas etnobotânicas desses povos. A ausência de estudos detalhados limita não apenas o reconhecimento científico das contribuições indígenas, mas também a formulação de políticas públicas voltadas à valorização cultural

e ao uso sustentável da biodiversidade amazônica. Nesse contexto, a documentação do conhecimento tradicional surge como estratégia essencial para promover a valorização das práticas locais, subsidiar pesquisas em áreas como a farmacologia e a conservação ambiental, e contribuir para o fortalecimento da identidade indígena frente às pressões externas (Begossi, 2014).

Este estudo tem como objetivo analisar o papel da Etnobotânica e do saber tradicional dos povos Arara Karo e Gavião Ikólóéhj na conservação ecológica e no desenvolvimento de terapias naturais. Busca-se, especificamente, registrar as práticas de uso de plantas medicinais nas comunidades, identificar as espécies vegetais com potencial terapêutico, compreender os modos de preparo e aplicação, e promover o reconhecimento da contribuição indígena para a ciência e a sustentabilidade. Acredita-se que a integração entre os saberes tradicionais e científicos possa não apenas ampliar as possibilidades terapêuticas, mas também reforçar a importância das culturas indígenas na construção de alternativas mais justas e sustentáveis de cuidado em saúde e manejo ambiental (Meneguelli et al., 2020).

2. Metodologia

2.1. Área do Estudo

Esse trabalho foi desenvolvido por acadêmicos do 2º período do curso de Direito do Centro Universitário Afya de Ji-Paraná, como Projeto de Extensão Curricularizado “Povos Indígenas”. O estudo observacional etnobotânico foi conduzido na Aldeia Gavião-Ikolen, localizado no

Distrito de Nova Colina, município de Ji-Paraná/RO, estado de Rondônia, onde vivem os povos indígenas Gavião Ikólóéhj e Arara Karo. A escolha da área justifica-se por sua riqueza sociocultural e biodiversidade, e pela forte relação entre os povos indígenas e as espécies vegetais nativas utilizadas com finalidades terapêuticas. A região é representativa do bioma amazônico, o que confere ao estudo relevância ecológica e etnocientífica.

A Amazônia brasileira, especialmente em Rondônia, abriga um dos maiores acervos de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais. O patrimônio imaterial associado a esses saberes é ameaçado por diversos fatores, como a perda da biodiversidade, o avanço do desmatamento e a pressão por processos de aculturação. Diante desse contexto, a escolha do local de estudo também busca contribuir para a valorização da cultura indígena e para a promoção da sustentabilidade.

2.2. Obtenção de Dados

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e etnográfica. Segundo Flick (2009), a abordagem qualitativa permite compreender significados e processos sociais complexos, enquanto a etnografia é especialmente apropriada para o estudo de culturas específicas, pois envolve a imersão do pesquisador no contexto estudado. A coleta de dados ocorreu durante um evento de Etnoturismo promovido na Aldeia Gavião, com a autorização e colaboração da comunidade local, respeitando os princípios da ética em pesquisa com populações tradicionais (Figura 1).

Figura 1. Intervenções dos acadêmicos de Direito a comunidade indígena Gavião-Ikolen em Nova Colina/RO.



Fonte: Arquivos dos autores. Autorização de uso de imagem: Convênio com o Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná | Afya <<https://saolucasjiparana.edu.br/proppexi/extensao>>.

2.3. Roda de Conversa e rodas de conversa

As rodas de conversa foram mediadas por lideranças indígenas, com tradução quando necessário. Essa técnica favoreceu a troca horizontal de saberes e a construção conjunta do conhecimento. Segundo Gubert e Santos (2015), a roda de conversa é uma estratégia metodológica eficaz para valorizar a escuta ativa e o protagonismo dos participantes.

As entrevistas foram realizadas com anciãos, curandeiros e conhecedores tradicionais das plantas medicinais. Utilizou-se um roteiro com perguntas abertas sobre as espécies utilizadas, nomes tradicionais, partes empregadas, formas de preparo, finalidades terapêuticas, e significados simbólicos associados.

O pesquisador participou das atividades cotidianas da comunidade, especialmente na coleta e preparo das plantas, observando rituais, práticas de cura e modos de uso. A observação participante, conforme Minayo (2014), permite compreender o contexto cultural a partir da vivência direta.

As espécies citadas e observadas foram registradas fotograficamente, com consentimento prévio. As imagens foram utilizadas para auxiliar na posterior identificação botânica e para a produção de materiais de devolutiva. Os registros em diário de campo incluíram descrições detalhadas das práticas observadas, falas relevantes e reflexões do pesquisador.

2.4. Coleta, Identificação Botânica e Análises dos Dados

A identificação das espécies vegetais foi realizada por meio de comparação com herbários virtuais (como o Re flora e o SpeciesLink) e literatura especializada, como Lorenzi (2016) e Oliveira et al. (2020). Quando necessário, foram consultados especialistas em botânica.

Os dados obtidos foram tratados por meio de análise de conteúdo com categorização temática, conforme Bardin (2016). As unidades de registro foram agrupadas em categorias como: (i) espécie vegetal; (ii) uso terapêutico; (iii) forma de preparo; (iv) parte utilizada; (v) nome tradicional; (vi) simbologia associada. As categorias foram trianguladas com os dados da literatura científica.

Além disso, foi realizada uma análise comparativa entre os usos tradicionais descritos pelos indígenas e as propriedades farmacológicas reconhecidas na literatura acadêmica. Isso permitiu evidenciar convergências entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos, valorizando as contribuições dos povos indígenas para a fitoterapia e a saúde pública.

A análise também considerou os princípios da pesquisa participativa, reconhecendo os sujeitos da pesquisa como cocriadores do conhecimento. Buscou-se manter o rigor científico sem desconsiderar os valores e cosmologias indígenas, conforme defendido por Albuquerque et al. (2010).

A pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510/2016 para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A autorização para realização do estudo foi obtida junto à comunidade e às lideranças indígenas. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, com garantia de anonimato e direito à recusa.

A devolutiva dos resultados será feita em formatos acessíveis e apropriados à comunidade, como cartilhas ilustradas bilíngues (português e língua indígena), apresentações orais em eventos

comunitários e entrega de versões digitais dos materiais produzidos. Também está prevista a divulgação em meio acadêmico por meio de artigos científicos, respeitando os direitos coletivos dos povos envolvidos.

A metodologia adotada permite não apenas o registro técnico das espécies e seus usos, mas também uma compreensão ampliada das relações simbólicas, espirituais e culturais entre os povos Arara Karo e Gavião Ikólóéhj e as plantas medicinais. Ao integrar saberes tradicionais e científicos, esta pesquisa reforça o papel estratégico da Etnobotânica na valorização da diversidade biocultural.

Ao final do processo, espera-se contribuir com subsídios relevantes para políticas públicas voltadas à inclusão dos conhecimentos tradicionais na promoção da saúde, conservação ambiental e fortalecimento das identidades indígenas.

3. Resultados

A Tabela 1 apresenta um importante recorte dos conhecimentos tradicionais dos povos Arara Karo e Gavião do estado de Rondônia, relacionados ao uso medicinal de plantas nativas. A tabela destaca três colunas principais: o nome popular, o nome científico e o nome indígena das espécies, além de apresentar a finalidade terapêutica atribuída a cada planta.

A diversidade de espécies e de aplicações terapêuticas é um dos aspectos mais relevantes observados. Foram registradas diversas espécies vegetais com finalidades medicinais distintas, como o tratamento de dores estomacais (Jatobá),

inflamações (Andiroba, Babaçu), infecções respiratórias (Jatobá), feridas e cicatrizações (Unha-de-gato, Babaçu), diarreias (Cumaru), entre outras. As plantas também são indicadas para doenças comuns nas comunidades, como problemas musculares, doenças de pele, queimaduras e infecções fúngicas.

Outro ponto de destaque é a integração dos saberes indígenas. Cada planta é acompanhada de seu nome na língua tradicional Arara ou Gavião, demonstrando o profundo conhecimento botânico desses povos e reforçando a importância da preservação cultural e linguística. A inclusão dos nomes indígenas evidencia ainda a forte ligação espiritual e funcional com o ambiente, onde cada planta possui não apenas uma função curativa, mas também um papel cultural.

Além disso, algumas das espécies mencionadas são amplamente reconhecidas pela ciência moderna. Plantas como a *Aloe vera* (babosa) e a *Uncaria tomentosa* (unha-de-gato) já são conhecidas pela farmacologia, o que reforça a relevância da sabedoria tradicional como ponto de partida para investigações científicas e para o desenvolvimento de fitoterápicos.

Por fim, o estudo tem potencial significativo para a conservação ecológica e a bioprospecção. Ao identificar e documentar essas espécies, contribui-se não apenas para a preservação dos ecossistemas amazônicos, mas também para o uso sustentável da biodiversidade, respeitando os direitos e os conhecimentos das populações indígenas.

Em síntese, a tabela ilustra de forma clara como o saber tradicional indígena pode contribuir

para a ciência, promovendo a valorização cultural e ecológica das comunidades locais. Ela se configura como um instrumento de reconhecimento e respeito aos conhecimentos ancestrais, além de oferecer subsídios para práticas sustentáveis e inovadoras em saúde e conservação.

Tabela 1. Principais plantas medicinais utilizadas pelos povos indígenas Arara Karo e Gavião Ikólóéhj em Rondônia, com respectivas finalidades terapêuticas.

Nome Popular	Nome Científico	Nome Indígena (Arara / Gavião)	Finalidade Terapêutica
Cipó-cravo	<i>Tynnanthus elegans</i>	Tatym / Pyjä	Dor de estômago, inflamações
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Yära / Wakÿj	Infecções respiratórias, fortificante
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	Makyrá / Kurat	Anti-inflamatório, repelente
Copaíba	<i>Copaifera spp.</i>	Bÿk / Tyh	Cicatrizante, dor muscular
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	Dypyt / Jykÿ	Imunidade, inflamações
Pau-sangue	<i>Croton spp.</i>	Iry / Pär	Hemorragias, feridas
Mulateiro	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	Sÿk / Mÿj	Problemas de pele, fungos
Cumaru	<i>Dipteryx odorata</i>	Kÿt / Kÿj	Antisséptico, dor no corpo
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i>	Wyr / Pyt	Diarreia, disenteria

Babosa	<i>Aloe vera</i>	Katÿ / Jÿk	Queimaduras, cicatrização
Erva- cidreira	<i>Lippia alba</i>	Pär / Mÿk	Calmante, digestivo
Pataqueira	<i>Qualea spp.</i>	Sÿr / Tÿk	Dor de cabeça, febre
Tajá	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Kÿr / Jÿk	Inflamações, machucados

Fonte: Arquivos dos autores.

4. Discussão

O presente estudo etnobotânico revelou um vasto conhecimento tradicional sobre plantas medicinais entre os povos Arara Karo e Gavião Ikólóéhj, localizados no estado de Rondônia, na região Norte do Brasil. Este saber milenar, transmitido oralmente entre gerações, constitui um verdadeiro patrimônio cultural e científico, reforçando a importância da etnobotânica como ferramenta para a valorização da diversidade biocultural da Amazônia. Os resultados obtidos evidenciam uma rica variedade de espécies vegetais com aplicações terapêuticas diversas, as quais se alinham com descobertas anteriores em contextos amazônicos semelhantes (Albuquerque & Hanazaki, 2006; Elisabetsky, 2002). A seguir, esta discussão se aprofunda nas principais descobertas do estudo, conectando-as à literatura científica atual e destacando suas implicações para a saúde comunitária, a valorização da cultura indígena, a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento de novas tecnologias em saúde.

4.2. Diversidade de Espécies e Usos Terapêuticos

A Tabela 1 apresentada no estudo destacou 12 espécies vegetais utilizadas pelas duas etnias, com finalidades terapêuticas que vão desde o tratamento de infecções respiratórias, feridas e problemas gastrointestinais até a prevenção de inflamações e o fortalecimento do sistema imune. Essa diversidade funcional reflete um conhecimento profundo da flora amazônica e um entendimento empírico sofisticado dos efeitos das plantas sobre o corpo humano.

Esse amplo repertório medicinal é consistente com achados de estudos realizados entre os Yanomami (Milliken & Albert, 1996) e os Kayapó (Kerr & Posey, 1984), que também registraram um número expressivo de espécies vegetais com finalidades terapêuticas variadas. Tais paralelismos interétnicos apontam para uma vasta rede de conhecimentos ecológicos tradicionais compartilhados e adaptados às especificidades ambientais e culturais de cada povo, os quais representam uma base riquíssima para investigações futuras em etnofarmacologia.

4.3. Espécies com Reconhecimento Científico

Dentre as plantas identificadas no presente estudo, algumas já foram objeto de pesquisa científica, sendo reconhecidas por suas propriedades terapêuticas confirmadas em estudos laboratoriais. Um exemplo emblemático é a *Uncaria tomentosa*, popularmente conhecida como Unha-de-gato, amplamente utilizada pelos Arara Karo no tratamento de inflamações articulares e fortalecimento imunológico. Estudos farmacológicos demonstraram que essa espécie contém alcaloides pentacíclicos e tetracíclicos com

potente ação anti-inflamatória e imunestimulante (Kepler et al., 2005), o que valida empiricamente seu uso tradicional.

A *Carapa guianensis*, conhecida como Andiroba, é outra planta que se destaca. Utilizada para o alívio de inflamações cutâneas e como repelente natural, o óleo extraído de suas sementes tem sido amplamente estudado, com resultados promissores quanto à sua atividade anti-inflamatória, larvicida e cicatrizante (Penido et al., 2005). Esse tipo de evidência reforça a necessidade de fortalecer pontes entre o conhecimento tradicional e a ciência ocidental.

A *Aloe vera*, ou Babosa, usada na cicatrização de feridas e na prevenção de infecções de pele, é uma planta de distribuição cosmopolita e bastante conhecida no meio científico. A literatura reconhece sua eficácia como anti-séptico e cicatrizante, com presença marcante de compostos como aloína e glucomananos (Surjushe et al., 2008).

Essas convergências entre saberes indígenas e evidências científicas reforçam a relevância da etnobotânica não apenas como um campo de documentação cultural, mas também como base estratégica para a bioprospecção e o desenvolvimento de novos medicamentos (Elisabetsky & Shanley, 2003). Além disso, tais achados evidenciam a importância de garantir direitos coletivos de propriedade intelectual às comunidades indígenas que preservam e compartilham esse conhecimento.

4.4. Espécies Pouco Estudadas

Embora algumas espécies já possuam respaldo científico, outras, como o Cipó-cravo (*Tynnanthus elegans*) e o Pau-sangue (*Croton spp.*), permanecem subexploradas do ponto de vista farmacológico. Essas espécies são amplamente utilizadas pelas comunidades indígenas locais, principalmente para o tratamento de dores musculares, infecções e processos inflamatórios. No entanto, há uma evidente lacuna de estudos sistemáticos que identifiquem seus princípios ativos, mecanismos de ação e potenciais efeitos adversos.

Segundo Heinrich et al. (2020), o avanço da Etnofarmacologia exige a combinação de metodologias etnográficas e químico-biológicas, priorizando uma abordagem integrada que respeite os contextos culturais e os modos de uso tradicionais. Nesse sentido, as plantas ainda não estudadas cientificamente apresentam oportunidades valiosas para pesquisas futuras, desde que conduzidas de forma ética e com participação ativa das comunidades envolvidas.

Outro ponto relevante identificado no estudo refere-se à diversidade de formas de preparo e aplicação das plantas medicinais. Os indígenas Arara Karo e Gavião Ikólóéhj demonstram amplo domínio técnico sobre o uso de infusões, decocções, emplastros, banhos, vapores e óleos, métodos que são criteriosamente escolhidos de acordo com o tipo de planta, parte utilizada e enfermidade a ser tratada.

A casca do Jatobá (*Hymenaea courbaril*), por exemplo, é fervida em água para o tratamento de infecções respiratórias. Estudos científicos indicam que esse processo potencializa a liberação de taninos, saponinas e flavonoides com reconhecida

ação antimicrobiana e antioxidante (Lima et al., 2012). Já o óleo de Copaíba (*Copaifera spp.*) é aplicado diretamente sobre feridas, sendo tradicionalmente reconhecido como um potente cicatrizante. A literatura confirma a presença de diterpenos e sesquiterpenos que atuam na regeneração epitelial e na inibição de processos infecciosos (Veiga Junior & Pinto, 2002). Essas práticas indicam uma sofisticação empírica significativa no que diz respeito à extração de princípios ativos. Muitas vezes, os modos de preparo tradicionais se mostram mais eficazes que técnicas laboratoriais padronizadas, sendo, portanto, fundamentais para orientar protocolos de pesquisa e desenvolvimento de fitoterápicos.

4.5. Significado Cultural e Espiritual

A análise dos usos das plantas vai além da função estritamente medicinal, alcançando dimensões simbólicas e espirituais profundas. Muitas espécies possuem significado ritualístico entre os povos indígenas, sendo utilizadas em cerimônias de cura, proteção, purificação e conexão com o mundo espiritual. Tais práticas demonstram que, para os povos Arara Karo e Gavião Ikólóéhj, saúde e espiritualidade estão intrinsecamente ligadas, conforme também descrito por Langdon (2018) em estudos sobre o xamanismo amazônico.

O Murici (*Byrsonima crassifolia*), por exemplo, é associado a rituais de purificação entre os Gavião Ikólóéhj, com funções semelhantes às das plantas sagradas utilizadas pelos Sateré-Mawé em contextos de iniciação e cura espiritual (Diegues, 2000). Já o Tajá (*Xanthosoma sagittifolium*),

frequentemente utilizado em cerimônias de cura espiritual pelos Arara Karo, reforça a dimensão simbólica das plantas e sua importância como mediadoras entre o mundo físico e o metafísico.

Essas práticas reforçam a necessidade de políticas públicas de saúde que reconheçam e incorporem os saberes tradicionais indígenas, respeitando as cosmologias próprias de cada povo. Nesse sentido, iniciativas como a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) e o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006) representam importantes avanços rumo à interculturalidade no sistema de saúde. Garnelo (2018) destaca que a construção de uma atenção à saúde efetivamente intercultural depende da valorização das práticas e saberes tradicionais em diálogo com o modelo biomédico ocidental.

4.6. Ameaças e Desafios para a Conservação

Apesar da riqueza e complexidade do conhecimento etnobotânico indígena, ele enfrenta ameaças crescentes associadas a fatores ambientais, sociais e econômicos. O desmatamento, impulsionado pela expansão agropecuária e pela exploração ilegal de madeira, compromete severamente os habitats de diversas espécies medicinais. Em Rondônia, espécies como a Andiroba e o Cumaru já apresentam redução populacional significativa em determinadas áreas, o que coloca em risco sua disponibilidade para uso tradicional (Fearnside, 2005). Além disso, a biopirataria representa um risco concreto. A exploração ilegal de plantas como a Unha-de-gato

por empresas farmacêuticas sem consentimento prévio ou repartição justa de benefícios configura violação dos direitos indígenas e da Convenção sobre Diversidade Biológica (Shanley & Luz, 2003). A ausência de mecanismos efetivos de proteção do conhecimento tradicional torna essas populações vulneráveis a práticas extrativistas predatórias.

Outro desafio é a perda de saberes tradicionais decorrente da ruptura nos processos de transmissão intergeracional. Entre os Arara Karo, por exemplo, observou-se que o número de jovens com domínio do conhecimento fitoterápico é significativamente menor do que entre os mais velhos, indicando um risco iminente de erosão cultural (Baniwa, 2019). A valorização da educação indígena bilíngue e intercultural, bem como a documentação participativa dos saberes, são estratégias fundamentais para preservar esse patrimônio (Almeida, 2020).

4.7. Contribuições para a Saúde Pública e Sustentabilidade

Os resultados do presente estudo apontam para inúmeras contribuições dos saberes indígenas para a saúde pública, a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. As espécies identificadas têm potencial para subsidiar programas de fitoterapia integrados ao Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente em regiões com alta vulnerabilidade social e dificuldades de acesso à medicina convencional. Experiências exitosas nesse sentido já foram implementadas por

meio do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006).

Do ponto de vista da bioprospecção, plantas como o Cipó-cravo, ainda pouco estudadas, representam oportunidades de descoberta de novos princípios ativos com aplicações terapêuticas, especialmente no combate a infecções, inflamações crônicas e doenças tropicais negligenciadas. Newman e Cragg (2020) destacam que cerca de 40% dos medicamentos atualmente utilizados têm origem em compostos naturais, o que reforça a relevância da etnobotânica como fonte de inovação farmacêutica.

Por fim, a valorização dos conhecimentos tradicionais contribui diretamente para a conservação da biodiversidade e o fortalecimento de estratégias sustentáveis de uso dos recursos naturais. Iniciativas como as Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), os sistemas agroflorestais e os bancos comunitários de sementes devem ser promovidos em conjunto com as comunidades indígenas, garantindo sua autonomia e protagonismo (ISA, 2021).

5. Conclusões

Os resultados deste estudo reforçam a importância da Etnobotânica como ponte entre saberes tradicionais e científicos. A documentação do conhecimento dos Arara Karo e Gavião Ikólóéhj não apenas preserva um patrimônio cultural ameaçado, mas também oferece subsídios para inovações em saúde, conservação ambiental e políticas públicas inclusivas. Futuras pesquisas devem aprofundar a análise fitoquímica das espécies

citadas e fortalecer a participação indígena em projetos de etnodesenvolvimento.

6. Referências

ALBUQUERQUE, U. P. et al. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 16, supl., p. 678-689, 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. *Etnobotânica e Etnobiologia: Interfaces e Aplicações*. Recife: NUPEEA, 2006.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

BANIWA, G. Saberes tradicionais e educação indígena. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 2, p. 45-67, 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEGOSSI, A. *Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, 2006.

DIEGUES, A. C. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: Hucitec, 2000.

ELISABETSKY, E. Ethnopharmacology and drug development. In: *Ethnobotany and the Search for New Drugs. Ciba Foundation Symposium*, v. 185, p. 40-55, 2002.

ELISABETSKY, E.; SHANLEY, P. Ethnobotany in the urban environment: medicinal plants in Brazilian favelas. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 54, n. 1, p. 7-15, 2003.

FEARNSIDE, P. M. Desmatamento na Amazônia brasileira. *Acta Amazônica*, v. 35, n. 2, p. 235-242, 2005.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARNELO, L. Saúde indígena e políticas públicas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 6, 2018.

GUBERT, F. A.; SANTOS, J. L. F. Roda de conversa como estratégia metodológica na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 68, n. 6, p. 1283-1286, 2015.

HEINRICH, M. et al. Etnofarmacologia na Amazônia. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 258, 2020.

LANGDON, E. J. Xamanismo e cura. *Mana*, v. 24, n. 1, p. 45-78, 2018.

LORENZI, H. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2016.

MENEGUELLI, A. Z. et al. Ethnopharmacological and botanical evaluation of medicinal plants used by Brazilian Amazon Indian community. *Interações*, v. 21, n. 1, p. 1-15, 2020.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, M. T. et al. *Etnobotânica: plantas medicinais e o saber tradicional*. Curitiba: CRV, 2020.

SHANLEY, P.; LUZ, L. Bioprospecção na Amazônia: desafios à conservação. *Ciência Hoje*, v. 32, n. 192, p. 36-39, 2003.

SHANLEY, P.; LUZ, L. The impacts of forest degradation on medicinal plant use and implications for health care in Eastern Amazonia. *BioScience*, v. 53, n. 6, p. 573-584, 2003